DOCUMENTO 1

1820 e a Burguesia Portuense: Uma abordagem dos costumes.

”Enquanto, no Soberano Congresso, os deputados (...) discutem a Constituição que há-de garantir - supõem os ingénuos e os utopistas - a liberdade, a igualdade e a fraternidade da família portuguesa, a burguesia do Porto, orgulhosa dos seus serviços, dispõe-se a tomar parte no banquete que se lhe oferece. (...) Os fracos de ontem eram os poderosos de hoje em dia. (...) Quem não navegava nas águas dos novos tempos, não compreendia que a aristocracia de sangue pudesse ser substituída por simples plebeus.

(...)

Havia mães que se enfeitavam tanto ou mais do que as filhas. Muitas já iam pondo de parte a tradicional mantilha e preferiam, como suas filhas, os vestidos parisienses modernos, que, se é certo, quase tocavam no chão, não tinham mangas, eram decotadíssimos e... transparentes. (...) As leis da toilette chegavam de França nos jornais da especialidade, de que as gazetas portuenses do tempo nos dizem efetuar-se a venda em vários locais, onde se podiam adquirir também periódicos políticos e literários franceses e ingleses, além de outras publicações. Os novos figurinos vinham, assim, associados às novas ideias filosóficas.

(...)

Lemos num jornal curiosíssimo da época: «Dantes, noutras eras felizes, os rapazes envergonhavam-se de aparecer às mulheres, faziam-se vermelhos como um pimentão quando passavam por elas; agora qualquer fedelho lhes diz uma fineza, diante do próprio pai, se for preciso, sem vergonha nem de Deus, nem do mundo". (...)

No meio daquele delírio a gente antiga andava horrorizada. Aonde iria parar em tal declive «aquela sociedade perdida»?! É fácil calcular a alegria com que os adversários desta nova moral, destes novos costumes, viram, com a Vilafrancada, em 1823, e com alguns acontecimentos subsequentes, a possibilidade de regresso mais ou menos perfeito à velha ordem social e política.

Professor e Historiador Artur de Magalhães Basto (1894 - 1960),
O Porto do Romantismo, 1932, Caminhos Romanos Unipessoal.